

# PROTOCOLO PARA OBSERVAÇÃO DE GRUPOS EM MUSICOTERAPIA – UM INSTRUMENTO EM CONSTRUÇÃO

Claudia Regina de Oliveira Zanini<sup>]</sup>  
Denize Bouttelet Munari<sup>††</sup>  
Cristiane Oliveira Costa<sup>\*</sup>

## RESUMO:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, envolvendo as teorias de Musicoterapia e Dinâmica Grupal. O projeto está em andamento, objetivando auxiliar acadêmicos/profissionais na leitura musicoterápica de sessões realizadas em grupo, através da criação de um protocolo de observação para este tipo de atendimento em Musicoterapia. A coleta de dados teve como instrumentos fichas musicoterápicas, observações e relatórios de sessões musicoterápicas grupais, gravações e filmagens. Realizaram-se reuniões para análise do material coletado e, finalmente, propõe-se os itens que farão parte do protocolo. No presente trabalho, parte do protocolo ora em construção será apresentado, visando a observação dos itens relacionados à Comunicação, através dos elementos verbais e não-verbais expressos no *setting* musicoterápico. No presente trabalho, parte do protocolo ora em construção será apresentado, visando a observação dos itens relacionados à Comunicação, através dos elementos verbais e não-verbais expressos no *setting* musicoterápico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Musicoterapia; Pesquisa Qualitativa; Dinâmica Grupal; Protocolo de Observação.

## ABSTRACT:

It is a qualitative research, involving the theories of Music Therapy and Group Dynamics. The project is on course and has the goal of assisting academics/professionals in the interpretation of the group music therapy sessions, through the protocol of observation for this kind of attendance in Music Therapy. For the data collection were used interviews, observations and reports of the group music therapy sessions and records of audio and video. There were meetings for analysis of the collected material and, finally, the items that will be in the protocol have been proposed. In the present assignment, part of the project under construction will be presented, aiming the observation of the related to the communication process through the verbal and non-verbal elements expressed in the music therapist setting.

**KEYWORDS:** Music Therapy, Qualitative Research, Group Dynamics, Protocol of Observation.

## INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

O tema proposto neste projeto de pesquisa a ser desenvolvido vem ao encontro de uma das possibilidades de aplicação da música, visto que o musicoterapeuta direcionará seu olhar, sua escuta, para os grupos, fazendo com que a *praxis* musicoterápica gere conhecimentos teóricos

---

<sup>\*\*</sup> Doutoranda em Ciências da Saúde/Faculdade de Medicina/Universidade Federal de Goiás - UFG, Mestre em Música/ Escola de Música e Artes Cênicas - EMAC/UFG, Especialista em Musicoterapia em Educação Especial e em Saúde Mental/EMAC/UFG, Pesquisadora e Professora do Curso de Musicoterapia da EMAC/UFG, Ex-Coordenadora do Curso e do Laboratório de Musicoterapia da UFG, Líder do NEPAM - Núcleo de Musicoterapia (Diretório de Pesquisa do CNPq). mtclaudiazanini@gmail.com

<sup>††</sup> Doutora em Enfermagem/EERP - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, Especialista em Consultoria em Dinâmica de Grupo/UCG - Universidade Católica de Goiás, Professora Titular da Faculdade de Enfermagem da UFG, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado da FEN/UFG, Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Integral (Diretório de Pesquisa do CNPq). denize@fen.ufg.br

\*Graduada em Musicoterapia pela EMAC/Universidade Federal de Goiás, Musicoterapeuta do Setor de Recursos Humanos do SESI – Goiás, cursando Especialização em Consultoria em Dinâmica de Grupo/UCG - Universidade Católica de Goiás. crisocr@gmail.com

que possibilitem melhor atuação desse profissional ao desempenhar o papel de condutor de um grupo terapêutico.

Assim, vê-se a possibilidade de aprofundar estudos acerca da teoria da dinâmica grupal relacionada à leitura musicoterápica, visto que esta vai além de uma leitura essencialmente musical das expressões sonoro-musicais de um grupo, dando ênfase aos papéis estabelecidos e, principalmente, aos meios e/ou instrumentos que levam ao estabelecimento de relações interpessoais durante o processo musicoterápico.

Tratando-se de um grupo musicoterápico, acredita-se na importância de ressaltar aspectos como estes citados, dando ênfase aos aspectos e/ou elementos sonoro-musicais que levam ao estabelecimento de relações. Pode-se citar Benenzon (1998), quando aponta diversas formas de classificação dos instrumentos musicais e de sua utilização no *setting* musicoterápico, como, por exemplo, segundo seu uso comportamental como: objeto experimental, objeto catártico, objeto defensivo, objeto enquistado, objeto intermediário, objeto corporal e objeto integrador.

Ao se propor esta pesquisa, vê-se a possibilidade de refletir sobre estas questões, buscando objetivar dados e, como principal resultado, complementar elementos e/ou categorias que serão incluídas num protocolo para observação de sessões musicoterápicas grupais, dando continuidade à “folha de registro e observação grupal” e ao “catálogo de definições para observação” já existente, de autoria de Campos, Munari, Loureiro e Japur (1992), objetivando a leitura desse “fazer musical” na contemporaneidade. Verificar-se-á, também, os protocolos já existentes para registro de sessões grupais em Musicoterapia, como o de Smith (2003). A elaboração do protocolo anteriormente citado visa auxiliar acadêmicos e profissionais na leitura musicoterápica de sessões e/ou vivências a serem realizadas em grupo.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Há mais de trinta mil anos já aconteciam os rituais de Xamanismo, nos quais o xamã utilizava ritmos e melodias de estrutura repetitiva buscando afugentar “espíritos malignos”, causadores das doenças.

Costa (1989) comenta que é na antiga Grécia que surge uma atitude racional face à doença. Hipócrates, figura mais importante para o progresso da medicina grega, acreditava que a doença implicava numa desarmonia da natureza humana e o restabelecimento do equilíbrio perdido poderia vir através da música, por ser ordem e harmonia dos sons.

No entanto, somente a partir de meados do século XX, quando nos Estados Unidos, em hospitais para a recuperação de neuróticos de guerra, passa-se a utilizar a “ajuda musical” e os resultados positivos atraem o interesse dos médicos, compreende-se, cada vez mais, a necessidade de cursos para a formação de musicoterapeutas, que vão se difundindo por todo o mundo.

A Musicoterapia foi definida pela Comissão de Prática Clínica da Federação Mundial de Musicoterapia, em julho de 1996, como:

A utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do

indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento (Revista da UBAM n. 2, 1996, p. 4).

Bruscia (2000) ressalta que o núcleo central da Musicoterapia, que é *a interação cliente-música*, molda as dinâmicas de todas as outras relações. Para o autor:

Isso implica que para analisar as dinâmicas da musicoterapia deve-se analisar as várias formas pelas quais o cliente experiencia a música! Isso faz sentido porque a premissa da musicoterapia, como uma modalidade singular de tratamento, é que as experiências musicais são utilizadas de forma sistemática e intencional para atingir as necessidades terapêuticas específicas do cliente. Ao analisar as práticas clínicas da musicoterapia, o autor identificou seis modelos básicos utilizados para estruturar a experiência musical do cliente (...) Cada modelo é definido pelos aspectos e propriedades particulares da música que são enfatizados na experiência do cliente. (...) Os seis modelos dinâmicos se diferenciam de acordo com o foco da experiência do cliente é nas propriedades 1) objetivas, 2) universais, 3) subjetivas, 4) coletivas, 5) estéticas, ou 6) transpessoais da música. (p. 140)

A movimentação de um grupo de trabalho e/ou terapêutico vem sendo estudada por diversos autores, como Lewin, Mailhiot, Schutz, Andaló, Zimerman, entre outros, desde as décadas de 1930 e 40.

Quanto à formação de um grupo, ZIMERMAN (1993) salienta que “não é um mero somatório de indivíduos; pelo contrário, ele se constitui como uma nova entidade, com leis e mecanismos próprios e específicos” (p. 52). MOSCOVICI (2001) ressalta que:

O complexo processo de interação humana exige de cada participante um determinado desempenho, o qual variará em função da dinâmica de sua personalidade e da dinâmica grupal na situação momento ou contexto-tempo. Assim, no plano intrapessoal, o indivíduo reagirá em função de suas necessidades motivacionais, sentimentos, crenças e valores, normas interiorizadas, atitudes, habilidades específicas e capacidade de julgamento realístico.; no plano interpessoal, influirão as emoções grupais, o sistema de interação, o sistemanormativo e a cultura do grupo; no plano situacional, exercerão influência o contexto físico e social imediato, o contexto cultural, o sistema contratado de relações e a dimensão temporal. (p. 94)

Considera-se de grande importância os estudos já realizados acerca da dinâmica grupal. Castilho (1998), por exemplo, comenta que o estudo da topografia dá ao coordenador um referencial da interação, identificação e coesão do grupo. Considera que qualquer tipo de relação afetiva entre os participantes deve ser trabalhado no grupo, seja de afeição, rejeição, tristeza, amor ou ódio. Moscovici (2001) afirma que:

Pode-se, também, estudar um grupo considerando sua dinâmica, os componentes que constituem forças em ação e que determinam os processos de

grupo. Visualizando-se o grupo como um campo de forças, em que umas concorrem para movimentos de progresso do grupo e outras, para dificuldades ou retrocesso do grupo, algumas delas ressaltam no funcionamento grupal. São elas: objetivos, motivação, comunicação, processo decisório, relacionamento, liderança e inovação. (p. 96)

Ao concordar com MOSCOVICI (*Op. Cit.*), que visualiza o grupo como um campo de forças, acredita-se que cabe ao musicoterapeuta estar aberto e em sintonia, buscando entender os constantes movimentos do grupo, independente dos indivíduos que dele participam, utilizando instrumentos que possam auxiliar nessa instigante tarefa de compreender o acontecer da Musicoterapia.

## **OBJETIVOS**

O objetivo geral do estudo foi o desenvolvimento de um modelo de análise para grupos em Musicoterapia, buscando contribuições para esta área de conhecimento, pois a partir da “*praxis*”, no caso, a prática clínica musicoterápica, realizam-se as investigações científicas.

Os objetivos específicos são: relacionar aspectos da leitura da dinâmica grupal com a expressão corpóreo-sonoro-musical durante a sessão musicoterápica, aprofundar estudos teórico-práticos sobre atendimentos musicoterápicos em grupo e desenvolver um protocolo para observação de sessões musicoterápicas grupais, visando auxiliar a leitura/ análise musicoterápica.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, delimitando-se como objeto de estudo o “estabelecimento de relações entre teorias de dinâmica grupal e Musicoterapia no atendimento musicoterápico de um grupo fechado”.

A pesquisa de campo inicial foi realizada no Laboratório de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, podendo, numa outra fase, ser realizada em outras unidades da UFG ou por participantes do NEPAM – Núcleo de Musicoterapia, grupo cadastrado no diretório de pesquisa do CNPq.

A população atendida foi formada por adultos, de ambos os sexos que participaram de um processo musicoterápico, por tempo determinado, no âmbito da UFG, sendo a amostra composta por grupos de 06 a 08 participantes.

Somente participaram dos grupos aqueles sujeitos que, após entrevista inicial, manifestaram o desejo de participar da pesquisa voluntariamente, sendo este ato devidamente documentado com o termo de consentimento livre e esclarecido do sujeito, conforme determina a lei de pesquisa com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde - CNS, 1996.

Os atendimentos musicoterápicos realizaram-se semanalmente, com duração máxima de 60 (sessenta) minutos. O período para a realização dos atendimentos de cada grupo foi de cerca de 10 (dez) sessões.

A coleta de dados teve como instrumentos: fichas musicoterápicas, relatórios das sessões, gravações em fita K-7 (transcritas posteriormente), filmagens (com a devida autorização dos pacientes) e outros instrumentos, como questionários e entrevistas. Além destes elementos, as pesquisadoras realizaram observações, que foram utilizadas para avaliação do grupo e de sua

movimentação e/ou dinâmica no decorrer do processo musicoterápico, visando o desenvolvimento de protocolo para leitura musicoterápica grupal, citado anteriormente, como um dos objetivos específicos da pesquisa.

Este projeto de pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, por envolver intervenção terapêutica com seres humanos na Área de Saúde.

Finalmente, estão sendo incluídos neste estudo indivíduos adultos, de ambos os sexos, que se disponham a participar da pesquisa após serem informados dos objetivos da mesma. A exclusão do sujeito somente se dá caso o mesmo solicite ou se não se dispuser a participar de todas as etapas propostas, o que inviabiliza a análise que se pretende realizar a partir dos dados coletados.

O projeto contou, em sua primeira fase, com a participação de musicoterapeuta e co-musicoterapeuta atuando no *setting*, uma musicoterapeuta observadora, três acadêmicos do Curso de Musicoterapia (participantes do Programa de Iniciação Científica da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFG) e uma orientadora doutora em Psiquiatria e especialista em Dinâmica de Grupos, sendo todos os integrantes, do Diretório de Musicoterapia - NEPAM, cadastrado no CNPq.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizar uma sessão musicoterápica com um grupo, muitos são os aspectos que passam a constituir um real desafio para a compreensão da mesma, pois além dos elementos que naturalmente vão sendo considerados na “leitura da dinâmica do grupo”, há de se observar aspectos fundamentais da produção musical como, por exemplo: qual (is) as músicas que emergem do grupo, quais são os instrumentos tocados/manuseados, como estes são tocados/manuseados, quais as relações entre os instrumentos e os participantes do grupo, se há troca de instrumentos, quais as técnicas/métodos musicoterápicos que melhor se adaptam ou que têm maior repercussão entre os participantes, além dos possíveis papéis que vão se estabelecendo no grupo no decorrer do processo terapêutico.

Através das observações, que foram utilizadas para avaliação do grupo e de sua movimentação e/ou dinâmica no decorrer do processo musicoterápico, está em desenvolvimento a construção de um instrumento para auxiliar a leitura musicoterápica grupal.

A seguir apresenta-se parte do *Protocolo para Observação de Sessões Musicoterápicas Grupais*, que em sua primeira parte diz respeito aos aspectos referentes às formas de comunicação (verbal e não-verbal) no *setting* musicoterápico, abrangendo as manifestações córpore-sonoro-musicais existentes no decorrer da sessão. Ressalta-se que para se utilizar o protocolo é imprescindível o conhecimento do *Catálogo de Definições para Observação das Sessões Musicoterápicas*, documento que enumera e define todos os itens que fazem parte do referido protocolo.

Protocolo de Observação de Sessões Musicoterápicas Grupais<sup>##</sup>

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_ Sessão nº \_\_\_ Musicoterapeuta(s): \_\_\_\_\_

<b>A. COMUNICAÇÃO</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>
<b>A.1 Forma de Expressão</b>												
a) Predomínio do verbal												
b) Predomínio do não-verbal												
c) Não houve comunicação verbal												
d) Não houve comunicação não-verbal												
<b>A.2 Tipo de Comunicação através da Expressão Verbal</b>												
- Espontânea												
- Estimulada genericamente												
- Estimulada individualmente												
- Não manifesta												
<b>a) Efeito da Comunicação Verbal</b>												
- o grupo considera												
- o grupo considera, mas rejeita												
- o grupo ignora												
<b>A.3 Tipo de Comunicação através da Expressão Não-Verbal</b>												
- Espontânea												
- Estimulada genericamente												
- Estimulada individualmente												
- Não manifesta												
<b>A.4 Formas de Expressão Não-Verbal</b>												
<b>a) Expressão Gestual</b>												
- Espontânea												
- Estimulada genericamente												
- Estimulada individualmente												
- Não manifesta												
<b>b) Expressão Corporal</b>												
- Espontânea												
- Estimulada genericamente												
- Estimulada individualmente												
- Não manifesta												
<b>c) Comunicação Visual</b>												
- Espontânea												
- Estimulada genericamente												
- Estimulada individualmente												
- Não manifesta												
<b>d) Caracterização da Expressão Sonoro-Musical</b>												
<b>d.1 Sons Vocais</b>												
- Pré-Verbais												
- Pré-Vocais												
- Vocalização com Ritmo (com letra)												
- Vocalização com Ritmo (sem letra)												
- Vocalização Melódica (com letra)												
- Vocalização Melódica (sem letra)												

<sup>##</sup> a) Em cada sessão ou cada encontro ou vivência musicoterápica serão preenchidos os itens A (Comunicação) e B (Envolvimento) do Protocolo de Observação de Sessões Musicoterápicas Grupais, ficando o item C (Dinâmica do Grupo) a ser preenchido após a realização de no mínimo quatro sessões/ encontros/ vivências musicoterápicas, de acordo com os objetivos do musicoterapeuta em relação ao processo grupal.

b) Cada coluna numerada do protocolo corresponde a um participante do grupo.

c) O Protocolo de Observação de Sessões Musicoterápicas Grupais poderá ser preenchido pelo musicoterapeuta e/ou pelo co-musicoterapeuta.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENZON, Rolando O. *La nueva musicoterapia*. Buenos Aires: Lumen, 1998.

BRUSCIA, Kenneth. *Definindo Musicoterapia*. Tradução por Mariza V. F. Conde. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CAMPOS, M.A.; MUNARI, D. B.; LOUREIRO, S. R. *et al* Dinâmica de grupo: reflexões sobre um curso teórico-vivencial. *Tecnologia Educacional*, v.21, p.41- 49, 1992.

CASTILHO, A. *A dinâmica do trabalho em grupo*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.

MOSCOVICI, F. *Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA. Rio de Janeiro: UBAM - União Brasileira das Associações de Musicoterapia, Ano I, n. 2, 1996.

SMITH, Maristela. *Modelo de avaliação em musicoterapia: uma proposta diagnóstico-terapêutica*. Reg. nº 270.175. livro 485, folha 335 (técnico-científico). ONP. São Paulo, 2003.

ZIMERMAN, D. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.